



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16135 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 12 - Currículo

AS IMAGENS COMO POTÊNCIA PARA A CRIAÇÃO CURRICULAR COLETIVA

Letícia Gonçalves Rosa - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

AS IMAGENS COMO POTÊNCIA PARA A CRIAÇÃO CURRICULAR COLETIVA

O presente texto é desdobramento de uma pesquisa de mestrado em andamento que aposta na potência dos signos artísticos para (re)afirmar a vida, a criação coletiva e a diferença nos currículos cotidianos. Nesse contexto, o encontro com os signos da arte é a possibilidade de forçar o pensamento para criar outras imagens do pensamento, pois para Deleuze (2003, p. 91), “[...] o que nos força a pensar é o signo. O signo é o objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural”. Segundo o filósofo, é preciso que algo force o pensamento, que o abale, deslocando-o em uma busca; não se trata de uma disposição natural, mas de um incitamento, que é contingente e que depende de um encontro. Assim, para Deleuze, o pensar não está vinculado a um exercício cognitivo, relacionado à representação ou aos atos de reconhecimento, mas à heterogeneidade das maneiras de viver e de pensar, no encontro com o “fora”.

A partir dessa aposta, foi feita a escolha de trabalhar especificamente com os signos imagéticos. A proposta de pensar os currículos atrelados à imagem não se deu ao acaso, mas considerando a centralidade que as imagens ganharam nas formas de comunicação contemporânea. Segundo Beiguelman (2022), os avanços tecnológicos das últimas décadas revolucionaram a produção e o consumo de imagens e criaram uma cultura visual, de forma que, em 2015, a quantidade de imagens produzidas em dois minutos ultrapassava a produção acumulada ao longo dos 150 anos anteriores.

Considerando a familiaridade que os educandos que nascem imersos nessa cultura já possuem com o universo imagético, foi pensado nesse signo como possibilidade para a

criação de “linhas de fuga” (Deleuze; Guattari, 2012) às diferentes ferramentas de controle que acometem a educação e promovem práticas lineares, previsíveis e homogêneas que estratificam o *espaçotempo* escolar e tentam aniquilar as diferenças, os bons encontros do cotidiano e reduzir o potencial de agir. Como campo problemático, apresenta: de que modo os encontros com os signos da arte fazem liberar a potência para a criação curricular coletiva? De que modo o encontro com as imagens produz a diferença abrindo para a possibilidade de criação de outros/novos mundos?

Argumentamos que essa experimentação curricular com imagens afirma a potência dos signos de provocar movimentos curriculares que criam fissuras nos processos de estagnação que insistem em tentar aprisionar a vida e os movimentos coletivos de criação que acontecem nos cotidianos. Portanto, as imagens nessa pesquisa não são compreendidas como ferramentas para construção de processos didatizantes, mas como signo artístico que cria novos possíveis ao sacudir os processos que tentam aprisionar a vida.

Além disso, os diferentes encontros produzidos em relação ao mesmo signo abrem espaço para que educandos e docentes produzam redes de conversações, em que afirmem a diferença, promovendo trocas que podem se completar ou se afastar, produzindo “*conhecimentossignificações*” (Alves, 2019) em que a força não está no consenso, mas na multiplicidade que potencializa a vida, exalta a diferença e cria outro modo de pensar e fazer currículos movidos pela força do plano de imanência. Nesse contexto, surge outros possíveis para a docência, em que o foco não são processos de controle e de reconhecimento, mas que apostam em “aprendizagens e docências que se constituem nas redes de afectos e de conversações, por composição, singularização e processos de diferenciação” (Carvalho; Silva, 2023).

Para acompanhar o potencial de criação das imagens, a pesquisa foi pensada em diálogo com o método cartográfico, de forma que não estabelece objetivos fechados, mas é movida por “[...] pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo de pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (Passos; Barros, 2009, p.17). Dessa forma, a pista que a pesquisa está caminhando junto são as imagens como disparadoras para movimentar os currículos, promover desterritorialização e fazer emergir novas relações em que o foco é a produção coletiva que se orienta pela multiplicidade, solidariedade e pela força da diferença, como aquilo que só pode ser produzido em relação com o mundo e com os outros.

Palavras-chaves: signos artísticos; currículos; docências; movimentos coletivos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. *In: Alves, Nilda. Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje.* São Paulo: Cortez, 2019. p. 115-133.

BEIGUELMAN, Giselle. *Políticas da imagem: Vigilância e resistência na dadosfera.* São

Paulo: Ubu Editora, 2022.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da. Currículos com arte em torno de uma educação contracultural. *Educação em Revista.* Belo Horizonte, v. 39, n. 39, 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.* São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos.* Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2003.